

MULHERES AFRODESCENDENTES: VIOLÊNCIA, DESUMANIZAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Área temática: Língüísticas, Letras, Artes.

NEVES, Nathália Bezerra. (nathalia11live@hotmail.com)

MENDES, Ana Claudia Duarte. (anaclaudiadm@gmail.com)

Nessa pesquisa descrevemos, aproximamos e analisamos duas obras literárias pertencentes à literatura afro-brasileira: *Quarto de Despejo* (2014), de Carolina Maria de Jesus e o conto “Maria” de Conceição Evaristo, publicado na obra *Olhos D’água* (2015). As obras são aproximadas a partir de uma abordagem temática, pois as obras narram sobre as dificuldades diárias, os diferentes tipos de violência que as mulheres afrodescendentes e moradoras de favelas enfrentam no dia a dia, na perspectiva de relacionarmos realidade e ficção. Compreendemos que o social desempenha papel importante como parte constituinte da estrutura do texto literário. Nesse sentido, pensamos o texto a partir da concepção de que o externo, que é o social, é imprescindível para a construção de sentido do que é interno na obra (CANDIDO, 1967), ao mesmo tempo, consideramos que as construções culturais, que permeiam os fazeres diários, condicionam as vivências e determinam os espaços que a estrutura social permite que os afrodescendentes ocupem (FANON, 2008). As autoras, afrodescendentes, apresentam-nos nas obras contextos sociais semelhantes, com pontos de vista específicos sobre aspectos da vivência e sobrevivência nos espaços sociais de exclusão, a partir de uma narrativa de dentro, de quem vivencia a realidade e as condições de marginalização que a estrutura social reproduz (DUARTE, 2020). Em nossa sociedade, dividida em classes sociais (QUIJANO, 2010), o objetivo da classe dominante é manter a ordem social como a conhecemos, pessoas privilegiadas detém o poder aquisitivo e exploram os recursos materiais e culturais, aos outros resta viver na precariedade. As obras literárias permitem a compreensão de que essas relações são reproduzidas e constituem práticas culturais, do período colonial que ainda permanecem na sociedade, produzindo violências contra os corpos femininos. Essas violências são demarcadas pelo que Santos (2010) chama de *linhas abissais*, que representam linhas imaginárias que dividem a sociedade em dois blocos, mas em meio a essa divisão de classes por meio dessa linha imaginária, que divide os que tem direitos dos que não tem, na perpetuação da Colonialidade, vemos outra questão a da cor da pele, usada não apenas como classificação social, mas como forma de exclusão. Nessa questão dialogamos com Fanon (2008) e Rufino (2020) sobre as questões relacionadas ao racismo estrutural, pois este está presente em vários trechos nas duas obras, nas quais há a denúncia da falta de oportunidade a um emprego digno, a dificuldade de obter uma educação de qualidade para quem mora às margens da sociedade, a violência gratuita em todas as partes, a fome e pobreza extrema, mães solteiras lutando bravamente para criarem seus filhos. Com esse trabalho colaboramos com as questões apontadas pela Lei 11.645/2008, de estudo da contribuição dos afrodescendentes para a cultura do país.

Palavras-Chave: Colonialidade, racismo estrutural, contos.

Agradecimentos: À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pelo financiamento da presente pesquisa.